

# MINERVA BRASILIENSE

Dr. João Baptista Calogóras.  
Dr. José de Araujo  
Dom José Manoel Valdez.

**SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES,**

Ex.<sup>ma</sup> Condado e Conselli. Manoel Alves Branco  
Ill.<sup>ma</sup> Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre.

PUBLICADO

por huma Associação de Literatos.

George Manoel Joaquim da Silveira.  
Dr. Manoel Ferreira Lagos.

Ex.<sup>ma</sup> Sr. Desembarg. Rodrigo da Silva Pôrto  
Santiago Nunes Ribeiro.

N.º 1. 1.º DE NOVEMBRO. 1843.

LITTERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA, AGRICULTURA,  
INDUSTRIA, &c.

Os Srs. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza  
Camillo Cléau.

Emilio Adet.  
Francisco Antonio Dutra e Mollo.

J. J. H. Tautphous.  
Joaquim Manoel de Macedo.

Dr. José de Araujo Coutinho.  
L. R.

Luiz Antonio Burgain.  
Conselli. Manoel Odorico Mendes.  
Lente Manoel de Araujo Porto-Alegre.



APOIO



Centro de Literatura Portuguesa



MINERVA BRASILIENSE

Lucia Maria Bastos P. Neves [org.]  
Lucia Maria Paschoal Guimarães

# MINERVA BRASILIENSE

# MINERVA BRASILIENSE

## leituras



1.º DE NOVEMBRO. 1843.

ORGANIZAÇÃO

Lucia Maria Bastos P. Neves

Lucia Maria Paschoal Guimarães



contra  
CAPA

RIO DE JANEIRO

NA TYPOGRAPHIA DE J. E. SCABRAL

Rua do Hospício N.º 66.

*MINERVA BRASILIENSE:*  
LEITURAS

Lucia Maria Bastos P. Neves

Lucia Maria Paschoal Guimarães

[ORGANIZAÇÃO]

contra  
CAPA

---

COPYRIGHT ©, 2016 dos autores

CAPA, PROJETO GRÁFICO  
E PREPARAÇÃO  
Contra Capa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Minerva Brasiliense: leituras / Lucia Maria Bastos P.  
Neves, Lucia Maria Paschoal Guimarães [org.]. – Rio de  
Janeiro : Contra Capa, 2016.  
224 p. il.

ISBN 978-85-7740-207-6

1. Minerva Brasiliense (Revista) 2. Imprensa – Brasil –  
História 3. Brasil – História – Século XIX. I. Neves, Lucia  
Maria Bastos P. II. Guimarães, Lucia Maria Paschoal

16-0865

CDD 079.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Imprensa : História: Século XIX
2. Brasil : História: Século XIX

2016

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONTRA CAPA LIVRARIA LTDA.  
<atendimento@contracapa.com.br>  
www.contracapa.com.br  
Tel (55 21) 2507.9448  
Fax (55 21) 3435.5128

## SUMÁRIO

- 7 Apresentação  
LUCIA MARIA BASTOS P. NEVES  
LUCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES
- 13 Nas páginas de *Minerva Brasiliense*  
LUCIA MARIA BASTOS P. NEVES
- 39 *Minerva Brasiliense*: redatores, colaboradores, publicistas  
TANIA MARIA T. BESSONE DA CRUZ FERREIRA
- 65 *Minerva Brasiliense*: narrativas de viagem, política e polêmica  
LUCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES
- 87 *Minerva Brasiliense*: geografia  
LUCIENE PEREIRA CARRIS CARDOSO
- 111 A divulgação do saber científico no Império do Brasil:  
a seção de Ciências do periódico *Minerva Brasiliense*  
ALEX GONÇALVES VARELA
- 135 A narrativa e o teatro em *Minerva Brasiliense*:  
entre a marca nacional e o modelo francês  
MARIA APARECIDA RIBEIRO

- 157 Poesia lírica em *Minerva Brasiliense* – o avesso do cânone  
REGINA ZILBERMAN
- 179 Da tuba canora às ressonâncias da harpa, címbalos,  
sistros e tambores: o canto épico e outros cantos nas  
páginas de *Minerva Brasiliense*  
MANUEL FERRO
- 201 Entre a “fadiga da construção” e o “orvalho do céu”.  
Notas para uma interpretação da estratégia doutrinária  
de *Minerva Brasiliense*  
ANTÓNIO PEDRO PITA
- 217 Sobre os autores

## APRESENTAÇÃO

PARA MUITOS PUBLICISTAS de meados do Oitocentos, a imprensa tinha como objetivo primordial levantar “o edifício da civilização nacional”.<sup>1</sup> No mundo brasiliense, por muitos anos, desde o início da imprensa, quando da América Portuguesa, reinaram os jornais políticos e informativos. A grande maioria dos periódicos então existentes dedicava-se fundamentalmente a discutir as questões políticas do momento. A criação de alguns outros, no entanto, apresentou um cunho literário, a exemplo de *Variedades ou Ensaios de Literatura da Bahia*, em 1812, e *O Patriota*, publicado no Rio de Janeiro no ano seguinte.

Os anos de 1821 e 1822 foram, por excelência, aqueles do periodismo político que buscava formar a opinião do novo cidadão constitucional. Era a chamada “praga periodiqueira”.<sup>2</sup> Na esteira da repressão à oposição liberal após a dissolução da Assembleia Constituinte, em novembro de 1823, ocorreu uma drástica redução do número de periódicos publicados na Corte, que voltaram a desempenhar importante papel com as agitações, tanto Rio de Janeiro quanto nas províncias, durante as Regências, e graças igualmente à ampla liberdade de que a imprensa gozou em tal período. Com a estabilidade adquirida pelo Segundo Reinado, viabilizaram-se outros tipos de publicação, ocorrendo um relativo declínio dos jornais políticos. Foi nesse contexto que, em 1º de novembro de 1843, surgiu *Minerva Brasiliense*, fonte e objeto de interrogação deste livro.

- 1 *O Panorama. Jornal Literário e Instrutivo*. Lisboa, n, 1, 1º de janeiro de 1842. Disponível em [http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/OPANORAMA/opanorama\\_1842.htm](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/OPANORAMA/opanorama_1842.htm). Acesso em 10 de dezembro de 2015.
- 2 A expressão surgiu em função do discurso que considerava os periódicos uma praga. Ver *Exorcismos contra periódicos e outros malefícios*. Lisboa: Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho, 1821, p. 8.

Procurou-se explorá-la com acento multidisciplinar, por meio da confluência entre a literatura, a história política, a história cultural, a geografia, a história da ciência e a história das ideias. Tal tratamento metodológico justifica-se pelo fato de a revista, além de matérias propriamente literárias, ter inserido regularmente em suas páginas artigos sobre viagens, agricultura, botânica, química, astronomia, colonização, imigração e outros assuntos de interesse nacional.

Assim, o estudo ora apresentado parte de dois pressupostos: em primeiro lugar, de que a seleção de todo o material publicado em *Minerva* revela a intenção deliberada de contribuir para a definição dos principais traços identitários de um Estado recém-independente, cuja unidade ainda não estava plenamente consolidada. Em segundo, de que *Minerva* constituiu-se também num espaço de divulgação do saber científico, pois se preocupava em transmitir conhecimentos que auxiliassem o jovem Império americano a se organizar enquanto Nação moderna. A abordagem aqui utilizada segue, portanto, uma direção distinta da que tomou o clássico estudo assinado por Hélio Lopes.<sup>3</sup>

Para levar a cabo essa tarefa, uniram-se esforços de diferentes áreas de investigação. E, ainda mais importante, pesquisadores dos dois lados do Atlântico, permitindo um estudo compartilhado entre Portugal e Brasil que contribuisse para um melhor entendimento de importante conjuntura na história da literatura e da política do Império do Brasil. Aliaram-se, assim, professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade de Coimbra, por meio do intercâmbio entre o Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais da Uerj e o Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

Aliás, desde as últimas décadas do século passado, a história se tem aproximado da literatura, multiplicando suas possibilidades de interpretação. Para o historiador, a literatura constitui fonte privilegiada, posto que lhe oferece, ainda que de forma cifrada, imagens sensíveis de um determinado contexto histórico, ao abordá-lo de maneira indireta, metafórica e alegórica. Em outras palavras, o “efeito de real” fornecido pelo texto literário possibilita ao historiador jogar luz sobre o seu objeto de análise, bem como distinguir vestígios de permanências e de rupturas na modelagem dos imaginários,

3 Hélio Lopes. *A divisão das águas. Contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843–1845) e Guanabara (1849–1856)*. São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia/Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

entendidos aqui como construções históricas e datadas que guardam especificidades e assumem configurações e significados diferentes no correr do tempo e pelo espaço.<sup>4</sup>

Por isso, além de analisarem os publicistas que foram redatores do periódico e conviviam em redes de sociabilidade, os pesquisadores aqui reunidos investigaram o sentido das mensagens transmitidas por seus escritos na definição de identidades do Império do Brasil – identidades políticas, sociais, literárias e culturais. Como se verá, seus redatores buscavam, por meio das matérias editadas, transmitir uma ideia de progresso e civilização que permitisse a ampliação de seu horizonte de expectativas,<sup>5</sup> a fim de demonstrar, segundo a visão de época, que esse novo tipo de imprensa era o mais fácil e útil meio de prover o ensino dos cidadãos, em especial daqueles que não podiam frequentar aulas ou ler muitos livros. A análise e o estudo crítico de *Minerva Brasiliense* permite, portanto, um novo olhar sobre a história dos impressos, à luz de um instrumento da imprensa periódica voltado para as *letras*, tidas, naquele momento, como sinônimo de erudição, ciências e humanidades.

A coletânea compreende nove capítulos, cujos distintos temas e abordagens constituem a sua riqueza. O primeiro, de autoria de Lucia Maria Bastos P. Neves, traça um panorama do contexto histórico em que a publicação surgiu, detalha as suas características, analisa o papel da história e da política em seus artigos, e comenta a circulação de ideias entre *Minerva* e outras publicações da época. A autora avalia ainda possibilidades abertas para pensar a história do Império do Brasil e a construção de seu Estado e de sua Nação, quando se analisa o conteúdo do periódico, além de inventariar as razões apontadas para a sua extinção.

Tania Maria T. Bessone da Cruz Ferreira oferece um confronto de biografias dos colaboradores de *Minerva Brasiliense*. Mais do que mapear as redes de sociabilidade da elite intelectual do Império, elabora quadros que evidenciam não só as diferentes formações intelectuais desses colaboradores, como também a existência de políticos dotados de boa cultura literária e de literatos que, mais tarde, se tornariam políticos.

4 Ver a esse respeito, Sandra Pesavento. “História & literatura: uma *velha-nova* história”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, mis en ligne le 28 Janvier 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/1560>; DOI: 10.4000/nuevomundo.1560. Acesso em 15 de março de 2016.

5 Reinhart Koselleck. “Espaço de experiência e horizonte de expectativas, duas categorias históricas”. In: *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, p. 305–27.

Lucia Maria Paschoal Guimarães se debruça sobre as narrativas de viagem, a política e a polêmica nas páginas da publicação. Ao chamar a atenção para a originalidade da seleção dos relatos publicados, assinados por três brasileiros e um peruano, considera essa escolha tanto um reforço da intenção manifestada pelos redatores de valorizar as letras nacionais quanto um traço que distingue esses textos dos demais de mesmo gênero que circulavam no Brasil, quase sempre assinados por europeus.

Focando uma das propostas da própria *Minerva Brasiliense*, uma “publicação periódica dedicada às letras, às ciências e às artes” que pudesse transmitir e difundir o que houvesse de mais importante nas nações civilizadas, Luciene Pereira Carris Cardoso volta-se para o estudo da geografia e constata que, ao lado da história, essa área do conhecimento era considerada um saber estratégico por excelência para a formação de uma consciência nacional: a exaltação das riquezas naturais do território brasileiro constituía uma forma de exercício do patriotismo.

A seção de “Ciências” de *Minerva Brasiliense* é analisada por Alex Gonçalves Varela, para quem, reforçando a corrente que pretende ter havido produção científica no país já no século XIX, os textos escritos na revista por especialistas preocupados em tornar públicas suas investigações eram trabalhos densos, detalhados e bastante ricos em informação.

Em seus textos, Maria Aparecida Ribeiro, Regina Zilberman e Manuel Ferro abordam a literatura estampada nas páginas de *Minerva Brasiliense*. Maria Aparecida Ribeiro examina a nacionalidade literária na narrativa e no teatro. Assim, mostra a importância do conhecido manifesto *Da nacionalidade da literatura brasileira*, de Santiago Nunes Ribeiro, sublinhando seus acertos e equívocos; analisa os dois artigos de Joaquim Noberto de Sousa e Silva sobre a literatura brasileira; e questiona o que há de nacional e de “importado” nas narrativas e textos dramáticos publicados pelo periódico.

Regina Zilberman dirige seu foco para a poesia lírica divulgada em *Minerva*. Com o intuito de estabelecer um equilíbrio entre o impacto que denomina “próximo do zero” e o impacto amplo, escolhe três autores brasileiros – Joaquim Norberto, Teixeira e Sousa, e Araújo Porto-Alegre – que alcançaram repercussão póstera e faz uma análise desse gênero bastante contemplado pelo periódico, no qual figuram, ao menos, 25 poetas nacionais.

Manuel Ferro, por sua vez, discute o papel desempenhado pelo poema épico, gênero literário por excelência para a expressão e a afirmação dos traços de identidade das novas nações, centrando-se no contexto brasileiro. Além disso, debruça-se sobre outros textos que possuem acentuada vertente edificante, bem ao gosto do público leitor da época: as fábulas e as sentenças

publicadas em *Minerva* sob o título “Pensamentos” e, em sua maioria, assinadas por J. J. Teixeira, o Bacharel Teixeira.

Arremata a coletânea o ensaio filosófico de António Pedro Pita, que reflete sobre os limites e as possibilidades da revista objeto do estudo interdisciplinar, cuja elaboração e publicação só se tornou possível em razão do apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de seu Edital Universal 2012–2016. Este não apenas financiou a pesquisa “Entre a Política e as Letras: *Minerva Brasiliense* e seu lugar no mundo dos impressos no Brasil do Oitocentos”, como também viabilizou o encontro dos pesquisadores dos dois lados do Atlântico nela envolvidos, a fim de discutir, integrar e divulgar os resultados de seus estudos, organizando-os na publicação que o leitor tem em mãos.

Este livro, porém, longe de representar um ponto final, pretende ser o início de futuras indagações que possibilitem novos estudos e abordagens das publicações periódicas e do papel que exercem no tecido cultural, político e literário da realidade social de um país cujas contradições e ambiguidades continuam a manifestar-se.

LUCIA MARIA BASTOS P. NEVES  
LUCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES

o ambiente em que vive; mas, diante dos desafios impostos pela paisagem e seus habitantes, é capaz de protagonizar, de modo único e inimitável, atos heroicos que o tornam imbatível e incomparável.

O olhar de Porto-Alegre pode ter sido o do pintor, que buscava motivos no meio rural para ilustrar sua arte, no caso, a da palavra. Mas foi capaz de identificar, ainda que esporadicamente, algo original, que traduziu em termos poéticos. A força do cânone vigente talvez o tenha impedido de ir adiante em suas descobertas. Mas essas estão ali documentadas, razão por que o cânone e seu avesso compartilham um certo lugar por algum tempo.

Manuel Ferro

## DA TUBA CANORA ÀS RESSONÂNCIAS DA HARPA, CÍMBALOS, SISTROS E TAMBORES: O CANTO ÉPICO E OUTROS CANTOS NAS PÁGINAS DE MINERVA BRASILIENSE

CENTRADOS NO MOMENTO DE grande mudança de paradigma literário, e não só, e de verdadeira revolução estética e literária operada pelos ventos do Romantismo, se Mikhail Bakhtin<sup>1</sup> trata da relação contrastiva e comparativa da epopeia e do romance, Lukács<sup>2</sup> apresenta o romance como a epopeia burguesa dos novos tempos. Ambos os gêneros surgem, assim, como produto da época e ideologia que os geraram, inspiraram e produziram. Gêneros que ciclicamente se reciclam e substituem. No entanto, quando se folheiam as páginas das revistas da primeira metade do Oitocentos, nem sempre estas afirmações tautológicas se confirmam, na medida em que a abundância de epopeias ou, pelo menos, de poemas heroicos parece desmentir tratarmos de um gênero morto e caído no menosprezo dos leitores. Aliás, para a definição da identidade das novas nações, continua a epopeia, até os nossos dias, a desempenhar esse papel de afirmação identitária.

- 1 Mikhail Bakhtin. "Epos e romance: sobre a metodologia do estudo do romance". In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo, Editora da Unesp, 1998, p. 397-428.
- 2 Georg Lukács. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000 [*Die Theorie des Romans. Ein geschichts-philosophischer Versuch über die Formen der grossen Epik*]. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1994].

E mesmo hoje, quando as fronteiras se apagam e a integração global se torna um processo dinâmico, como reação, o Pós-Modernismo suscita a reflexão sobre a identidade das nações, dos povos e das culturas locais. Autores como Anthony Smith, com obras como *The National Identity* (1991);<sup>3</sup> Anne-Marie Thiesse, com *La création des identités nationales* (2009);<sup>4</sup> Patrick Geary, com *Europäischer Völker im frühen Mittelalter – zur Legende vom Werden der Nationen* (2002);<sup>5</sup> ou, em Portugal, José Mattoso, com *A identidade nacional* (1998)<sup>6</sup> e *Identificação de um país. Oposição-Composição* (2015);<sup>7</sup> Luís Cunha, com *A nação nas malhas da sua identidade. O Estado Novo e a construção da identidade nacional* (2001);<sup>8</sup> Rainer Daehnhardt, com *Identidade portuguesa: por que a defendo* (2002),<sup>9</sup> entre outros títulos e obras afins, proporcionam um suporte teórico que permite a realização de estudos desta natureza. Mais especificamente, no plano dos estudos culturais e dos estudos literários, esmiuçados por Armand Mattelart e Érik Neveu (2006),<sup>10</sup> assim como por Ziauddin Sardar e Borin Van Loon, (2010),<sup>11</sup> livros como *Letteratura, identità, nazione* (2009),<sup>12</sup> com contributos de Bellini, Burgio, Conoscenti, Jossa, Pecora, Sanguinetti e outros críticos e teóricos contemporâneos da literatura; *Letteratura e identità nazionale* (1998),<sup>13</sup> de Ezio Raimondi; ou *L'Italia*

3 Anthony Smith. *The National Identity*. Reno: University of Nevada Press, 1991.

4 Anne-Marie Thiesse. *La création des identités nationales*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

5 Patrick Geary. *Europäischer Völker im frühen Mittelalter – zur Legende vom Werden der Nationen*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2002.

6 José Mattoso. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1998.

7 José Mattoso. *Identificação de um país. Oposição-Composição. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096–1325*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2015.

8 Luís Cunha. *A nação nas malhas da sua identidade. O Estado Novo e a construção da identidade nacional*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

9 Rainer Daehnhardt. *Identidade portuguesa: por que a defendo*. Lisboa: Publicações Quipu, 2002.

10 Armand Mattelart & Érik Neveu. *Introdução aos Cultural Studies*. Porto: Porto Editora, 2006.

11 Ziauddin Sardar & Borin Van Loon. *Introducing Cultural Studies. A Graphic Guide* [1997]. London: Icon Books, 2010.

12 Matteo di Gesù (cura). *Letteratura, identità, nazione*. Palermo: Duepunti Edizioni, 2009.

13 Ezio Raimondi. *Letteratura e identità nazionale*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.

*letteraria* (2006),<sup>14</sup> de Stefano Jossa, representam pontos de partida para a reflexão das questões debatidas em colóquios e conferências em nível global, como, por exemplo, o que teve lugar, em 2011, na Universidade de Palermo, subordinado ao tema *Literatura italiana e identidade nacional*; além de outro que se debruçou sobre *Os nacionalismos na literatura do século xx – os indivíduos em face das nações*, em Paris, em 2010;<sup>15</sup> ou ainda noutro caso, em Craiova, na Romênia, em 2012, sobre *Discurso, identidade e cultura na língua e na literatura italiana*.

Neste contexto, o poema épico é porventura o gênero literário de eleição para a expressão e afirmação dos traços de identidade das novas nações, muito particularmente no processo de demarcação perante a matriz do período colonial. Neste modo de a conceber, a epopeia afirma-se, pois, com especificidades próprias: é um poema narrativo extenso que pode tratar não só de acontecimentos históricos importantes, ações grandiosas, ilustres, de caráter religioso ou nacional, em que um povo ou uma nação reveem a sua identidade, como também de mitos e lendas heroicas ou mesmo dum *corpus* de relatos tradicionais, hagiografias ou fábulas. Podem, por isso, distinguir-se epopeias alegóricas de epopeias filosóficas, mitológicas, satíricas, de evento, de espaço e de personagem, conforme o assunto abordado; ou ainda, quanto ao modo de tratamento dos fatos, epopeias fantásticas ou mais verosímeis. Evoluindo ao longo dos tempos e valorizando uma ou outra componente, podemos distinguir, no âmbito da produção épica ocidental, quatro grandes períodos ou ciclos distintos: a Antiguidade greco-latina, em que predomina o modelo homérico e, depois, o virgiliano; a Idade Média, que explora as potencialidades da canção de gesta; o período clássico, em que o modelo homérico-virgiliano se combina com a herança cavaleiresca medieval e se harmoniza com as aspirações modernas do Humanismo renascentista; e a epopeia romântica, que marca o regresso ao modelo mitológico e representa o crepúsculo do gênero.<sup>16</sup>

Considerada durante séculos como o gênero mais importante que o engenho humano podia conceber, a epopeia exprime a exaltação de um acontecimento memorável e extraordinário capaz de interessar a um povo ou até à

14 Stefano Jossa. *L'Italia letteraria*. Bologna: Il Mulino, 2006.

15 O colóquio coordenado por Ana Beatriz Barel acabou por gerar um volume de atas. Ver Ana Beatriz Barel (org.). *Os nacionalismos na literatura do século xx. Os indivíduos em face das nações*. Coimbra: Minerva, 2010.

16 Ver Manuel Ferro. "Epopeia". In: José Augusto Cardoso Bernardes et al. (coord.). *Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 2. Lisboa: Verbo, 1997.



própria humanidade, veiculando uma visão heroica do mundo. As personagens e os acontecimentos focados alcançam uma certa credibilidade, captam a admiração e veneração do leitor, não só pelo valor das ações realizadas, mas também pela nobreza de espírito revelada e pela dignidade que as realizações do homem podem alcançar. A ação desenrola-se normalmente num momento do processo histórico em que assenta a consolidação do poder de um povo, de uma nação ou de uma casa reinante, com as delimitações fundacionais culturais éticas e morais de uma nação. Pela sua importância, o presente surge como o resultado consequente desse passado, que se assume como mítico, projetando-se no futuro através das realizações e proezas praticadas por heróis e mediante momentos de visão profética, deixando antever um porvir glorioso. Forjados de acordo com arquétipos míticos de uma cultura nacional latentes na consciência coletiva, impõem-se por corresponderem a quadros conceptuais que esse povo criou com o fim de satisfazer e superar as limitações do quotidiano.<sup>17</sup>

Graças às características partilhadas ou aos diferentes tipos de apreciação estética que possibilitam, podem distinguir-se dois tipos fundamentais de epopeia: as orais ou naturais e as escritas, artificiais ou de imitação. As primeiras, concebidas fora das regras estabelecidas pelo cânone literário, impõem-se pela espontaneidade, simplicidade e clareza de situações. As segundas, construídas de modo mais elaborado, harmonizam-se com os códigos elaborados e sedimentados ao longo da tradição literária.<sup>18</sup>

Partindo destes pressupostos, não admira, por conseguinte, que, logo no texto introdutório do primeiro número de *Minerva Brasiliense*, Francisco Salles Torres Homem aperte abertamente para o tipo de epopeia que mais se privilegia e aprecia na revista:

Nas belas-artes, e em todos os ramos da literatura, longo tempo se haviam reduzido a imitar invariavelmente tipos antigos de admirável beleza, mas cuja reprodução contínua vinha a ser monótona. Deixando as vestes e as cores do politeísmo, a que nada correspondia em nossas crenças e sentimentos, a moderna poesia voou sobre as asas da musa cristã, através de regiões misteriosas, até a fonte suprema do belo e do santo. Espíritos independentes, deixando a trilha batida do gênero clássico, se aplicaram a estudar, e a pintar a natureza sob novos aspectos. Arredando-se dos modelos de convenção eles

17 Ibid., p. 342-3.

18 Ibid.

encontraram às vezes monstros; mas é lícito que se desvairem um tanto os que saem das sendas ordinárias e conhecidas.<sup>19</sup>

A tal declaração de princípios justapõem-se as afirmações de Santiago Nunes Ribeiro em “Da nacionalidade da literatura brasileira”,<sup>20</sup> centrando-se no caso específico do contexto nacional e, mais concretamente, nos dois poemas épicos mais representativos, *O Uruguai* e *Caramuru*:

Os tempos do heroísmo, as aventuras guerreiras, as conquistas, formam o ciclo de um povo. José Basílio e Santa Rita Durão se apoderam deste ciclo e o cantam nos seus belos poemas. Na epopeia, o elemento narrativo, o lírico e o descritivo devem entrar em diversas proporções.

Ora, o elemento descritivo está nos dois belos poemas que citamos com tanta graça, naturalidade e boa escolha de símiles e imagens, que não podemos deixar de contá-los entre os monumentos da poesia brasileira. Em ambos os poemas, especialmente no *Caramuru*, achamos a ideia religiosa em todo o seu brilho, e o culto da Virgem aparece com o caráter de fervoroso que lhe assinamos. Os seguintes versos são belos e ao mesmo tempo tão demonstrativos do espírito religioso que reinara nos rudimentos da sociedade, que não podemos deixar de transcrevê-los.<sup>21</sup>

E cita, como exemplo, *Caramuru*, x, 8 e 11. Por conseguinte, aberta a senda metapoética da reflexão épica em *Minerva Brasiliense*, desde logo se denuncia a preferência por um modelo heroico de matriz literária, clássica e virgiliana. Justifica-se, por conseguinte, a inclusão de uma tradução do Livro I da *Eneida* de Virgílio Públio Maro, da responsabilidade de Manuel Odorico Mendes, nos números 3 e 4.<sup>22</sup> Assume-se aí a longa tradição das traduções deste po-

19 Francisco Salles Torres Homem. “Introdução”, *Minerva Brasiliense*. Jornal de Ciências, Letras e Artes, publicado por uma Associação de Literatos, ano 1, n. 1, Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1843, p. v.

20 Santiago Nunes Ribeiro. “Da nacionalidade da literatura brasileira”, *Minerva Brasiliense*, ano 1, n. 1, Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1843, p. 7-23.

21 Ibid., p. 20.

22 Manuel Odorico Mendes. “*Eneida Portuguesa*, ou Nova tradução da epopeia de Virgílio Públio Maro. Livro 1”, *Minerva Brasiliense*, ano 1, n. 1, Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1843, p. 86-9; ano 1, n. 4, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1843, p. 103-6.

ema em língua portuguesa, que se faz remontar a João Franco Barreto,<sup>23</sup> de 1664–1670, ao assumir-se explicitamente o mesmo título usado por este tradutor e erudito crítico camoniano do barroco português: a *Eneida portuguesa*.

Nesta perspectiva, não admira que, na constituição da coleção de textos literários incontornáveis, a *Biblioteca Brasílica*, iniciativa que visava o meritório e grandioso fim da instrução generalizada do público leitor, publique a abrir, e de imediato, *O Uruguai*, de José Basílio da Gama, decerto tendo em conta e recuperando o exemplo da divulgação dos três primeiros cantos de *Vila Rica*, insertos nas páginas 49 a 57, 151 a 162 e 241 a 246, dos três primeiros números do *Jornal Científico, Económico e Literário* (1826), cujo projeto, aliás, previa a publicação integral do poema, desacompanhado do “Prólogo” e do “Fundamento histórico”, este já publicado em *O Investigador*, jornal português escrito em Londres

Compreende-se, neste contexto, que, na esteira do que Massaud Moisés afirma,<sup>24</sup> mais do que sinal de uma profunda ebulição cultural em meados do século XIX, as revistas literárias eram polos aglutinadores das novas gerações, mas que, não obstante a afirmação e defesa das novas ideias românticas, ainda recuavam e revalorizavam as obras dos poetas neoclássicos, imbuídos de uma atitude inconformista e, pelo fato, vistos como expoentes de uma literatura já imbuída de um espírito “brasileiro”, pelo que bem se compreende que decerto permaneçam bastante vivos na memória de todos. Pelo fato, estes aspetos, porventura contraditórios e discordantes, testemunham o ambiente eclético que grassava no ambiente em que esta panóplia de revistas era composta.

Assim, com Basílio da Gama, a afirmação da brasilidade torna-se explícita mediante a declaração do sentimento americanista de matriz antieuropeia através das alocações de Cacambo e Sepé, no Canto II do poema;<sup>25</sup> reforça-se o mito literário do índio, abrindo caminho aos poetas indianistas do Romantismo, com intuítos nacionalistas, sem dúvida, e por refração em relação ao elemento europeu;<sup>26</sup> afirma-se o exotismo da natureza e da gente, acentuan-

23 João Franco Barreto. *Eneida Portuguesa*. Com os argumentos de Cosme Ferreira de Brum. Lisboa: Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1664–[1670]. 2 vols.

24 Ver sobre essa matéria Massaud Moisés. *História da literatura brasileira*, vol. II: *Romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 21; e Afrânio Coutinho. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 156.

25 Ver Sílvio Castro & Maria do Carmo Lanna Figueiredo. “Constantes literárias e sentimento nativista”. In: Sílvio Castro (dir.). *História da literatura brasileira*, vol. 1. Lisboa: Alfa, 1999, p. 252.

26 Maria Celeste Ferreira. *O indianismo na literatura romântica brasileira*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949, p. 30–7.

do o motivo nativista, no contexto dos primórdios de uma afirmação identitária ainda antes da existência de um sentimento nacionalista; superam-se as limitações bucólicas, na medida em que até a terra e o vento parecem assumir uma atitude anticolonialista; do elogio épico do colonizador, passa-se à exaltação do herói nativo, repartindo-se a função heroica entre ambos; ao mesmo tempo que se procede à apologia da vida natural, assume-se uma atitude antijesuítica, igualmente entendida como efeito laudatório da ação pombalina, e procede-se à denúncia da crueldade e da violência da dominação colonial; e, por último, a afirmação da perspectiva “brasileira” como eixo central ético e cultural faz-se em detrimento da subversão de abordagem do elemento europeu. A par do respeito pelos códigos épicos clássicos, assiste-se à rebelião contra os modelos colonizadores, traduzida através do abandono do elemento mitológico, em favor do maravilhoso nativo, que é feito em consonância com a abordagem de episódios já marcados por uma nova sensibilidade, como é o caso da morte de Lindoia, verdadeiro monumento literário, que recorre a uma expressividade e agilidade poética singulares. Por outro lado, a cimentar a popularidade de *O Uruguai* em pleno Romantismo, refira-se o modelo do herói rebelde, de matriz schilleriana que o índio passa a incorporar. Por todos esses motivos, compreende-se a facilidade de adesão e recepção do poema em pleno século XIX, poucas décadas depois da declaração da Independência.

Por outro lado, todo o substrato que nos leva a estas considerações permite-nos compreender a inclusão nas páginas de *Minerva* de novas experiências épicas, que não passaram disso mesmo, talvez porque os autores se tivessem apercebido do curto fôlego que possuíam para empunhar a tuba canora, e nas quais procuram de qualquer modo seguir ainda os cânones mais ortodoxos consagrados da épica. Na generalidade, ou abordam matérias recentes, mesmo estrangeiras que sejam, ou procuram centrar-se sobre a fundação do Império brasileiro:

Santiago Nunes Ribeiro. “Fragmentos de um poema intitulado *Inauguração do Quinto Império*. Canto I. O novo século; Canto II; Canto III”, *Minerva Brasiliense*, ano 1, n. 2, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1843, p. 47–50;

Santiago Nunes Ribeiro. “[Outro fragmento da mesma composição] Napoleão e o Senhor D. Pedro I”, *Minerva Brasiliense*, ano 1, n. 2, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1843, p. 50–1;

Joaquim José Teixeira. “Ensaio do poema *O Libertador*. Canto I”, *Minerva Brasiliense*, ano 11, n. 20, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1844, p. 624–5.

Contudo, seja de ter em conta, por outro lado, que a partir do último quartel do século XVI um novo paradigma épico passa a disputar com Camões o primado na composição de epopeias. Torquato Tasso defende o tratamento de assuntos de teor cristão, a adoção de um maravilhoso mais consentâneo com os tempos modernos e respetiva mundivisão, bem como a modelação de um novo tipo de herói, fundado na piedade, na religiosidade de matriz tridentina e no respeito pelos dogmas da Igreja.<sup>27</sup> A coragem heroica deixa de ser só aquela evidenciada no campo de batalha e as vivências dos mártires fazem nascer um tipo de épica marcada por um pendor hagiográfico mais acentuado. Em Portugal, publicam-se ao longo dos séculos XVII e XVIII: *Vida e morte de Santa Isabel* (1597), de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelbranco; *Santo Antônio de Lisboa* (1610), de Francisco Lopes; *Santo Antônio de Pádua* (1616), de Luís de Tovar; *Poema de la reina Ester* (1627), de J. Pinto Delgado; *S. Gonçalo de Amarante* (1627), de F. Lopes; o *Macabeu* (1638), de Miguel da Silveira; *Virginidos* (1667), de Manuel Mendes de Barbu-da e Vasconcellos; e *Eustaquidos* (1769), do padre Francisco de Sousa, entre outros de menor monta. Ora, para além de um poema épico deste teor publicado na época, *Assunção* (1819), de frei Francisco de S. Carlos, as páginas de *Minerva Brasiliense* contemplam igualmente esta modalidade heroica, com a publicação da tradução do Livro III (por sinal, de intensa natureza lírica) de uma epopeia de índole bíblica, dedicada a José do Egito, de autoria do apagado poeta neoclássico Paulo Jeremias Bitaubé,<sup>28</sup> em agosto e setembro de 1844, excerto esse transcrito da *Revista da Sociedade Filomática*, de São Paulo.

Todavia, desde que os novos ventos do Romantismo tinham começado a agitar as últimas décadas do século XVIII e as duas primeiras do século XIX, apesar do manifesto culto ainda partilhado pelo poema épico, era perceptível a sensação de crise nos paradigmas literários até então apreciados. A expressão angustiada desse contexto encontra-se, nas letras lusitanas, traduzida nos prólogos às epopeias de José Correia de Melo e Brito d'Alvim Pinto ou de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos. O padre Teodoro de Almeida tenta então revitalizar a epopeia e apoia-se num saber mais científico, revendo o

27 A esse fim seja de ter em conta não só a obra, como toda a bibliografia para que remete o volume de Manuel Ferro. "A recepção portuguesa de Torquato Tasso na épica do barroco e neoclassicismo". Tese de Doutoramento em Letras, Universidade de Coimbra, 2004.

28 Paulo Jeremias Bitaubé. "Joseph. Tradução do Livro III. Extraído da *Revista da Sociedade Filomática*, de São Paulo", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 20, Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1844, p. 620-3; ano II, n. 22, 15 de setembro de 1844, p. 686-9.

tipo de maravilhoso, a exposição dos acontecimentos e o discurso poético. Mas é ao padre José Agostinho de Macedo que se devem os maiores esforços para fazer reviver o que de antemão estava condenado: quer através de diferentes poemas, quer pelos textos teóricos que os acompanham, ele pretende fazer reflorescer a épica, revestindo o assunto do poema camoniano com a forma do tassiano, primeiro, e, depois, recorrendo ao cientismo predominante no seu tempo, com a criação do poema filosófico, novo subgênero da epopeia. E assim compõe *A natureza* (1814) e *A criação* (1865).

Não obstante a visão demolidora do poema filosófico apresentada por Hélios Lopes,<sup>29</sup> o certo é que este crítico não soube compreender a importância da experimentação levada a cabo nas primeiras décadas do Oitocentos com o objetivo de revitalizar a epopeia e perspetiva-o como um seco poema didático.<sup>30</sup> Não se apercebeu que *Minerva Brasiliense* não podia ficar à margem de todos aqueles esforços desencadeados no âmbito da criação literária. Proveniente do distante Piauí, "O ímpio confundido; poema didático e descritivo"<sup>31</sup>, título posteriormente corrigido para "Poema filosófico. O ímpio confundido", de autoria de Leonardo da Senhora das Dores Castelo-Branco, trata em primeiro lugar da fertilidade das chuvas e da abundância que proporcionam em matéria de frutos. Das uvas ao ananás, banana, manga, coco, até a cana de açúcar e o tabaco, primeiro, e, depois, entre o reino animal, do elefante, do leão,<sup>32</sup> do lobo, da onça, do leopardo, do jacaré, do crocodilo, da surucucu à gambá, apresenta ali todo um cenário da criação na sua exuberância tropical, de modo não muito distante dos cantos de *Caramuru* na exaltação da natureza brasileira. A transcrição das diferentes partes do seu poema é antecedida de algumas palavras introdutórias, pelas quais o leitor fica na posse de dados referentes ao poeta e, mais especificamente, ao motivo da composição do poema: a refutação de "obras ímpias e obscenas que inundaram Portugal", muito principalmente *O citador*, de Pigault Le Brun. Apesar

29 Ver Hélios Lopes. *A divisão das águas. Contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1849-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p. 160-1.

30 Sobre esta matéria, ver Manuel Ferro. "A recepção portuguesa de Torquato Tasso na épica do barroco e neoclassicismo". Op. cit., p. 620-30.

31 Leonardo da Senhora das Dores Castelo-Branco. "O ímpio confundido; poema didático e descritivo. As chuvas - As frutas", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 15, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1844, p. 464-7; "Os animais", ano II, n. 15, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1844, p. 491-3; ano II, n. 17, Rio de Janeiro, 1º de julho de 1844, p. 520-2.

32 Mesmo que leão e elefante não existam no Brasil.

de aí não entrar em apreciações críticas, o autor das notas explicativas que acompanham o poema confessa que “o abuso [...] das formas e terminologia dialética traz em grande parte essa ausência de colorido e animação poética”.<sup>33</sup>

Porém outro sucedâneo do poema épico, para uns, um subgênero com traços autônomos, para outros, é o poema herói-cômico.<sup>34</sup> Muito embora assumindo as características formais da epopeia ao nível da estrutura e da elocução, o poema herói-cômico<sup>35</sup> distingue-se daquela por constituir um processo de evidente desconstrução jocosa do paradigma épico ao nível da matéria, do assunto selecionado para objeto do canto épico e dos “heróis” escolhidos. Se estes poemas respeitam, na generalidade, a ordem das partes constituintes do poema heroico (proposição, invocação, dedicatória e narração), se na maior parte das vezes o início da ação é igualmente *in medias res*, se a linguagem usada continua a ser sublime, elevada e com recurso a tropos retóricos elaborados, o certo é que a matéria é humilde, banal ou ridícula, inspirada em situações cômicas, e os protagonistas geralmente de inferior proveniência social, sem que tenham oportunidade de praticar atos que, pelo seu alcance, tenham grande projeção no nível da coletividade, quer da nação ou da comunidade em que se inserem, quer da humanidade. Noutros casos, os feitos praticados são sistematicamente exagerados, com propósito evidente de os distorcer, de os amplificar, atribuindo-se-lhes uma dimensão que, no real, não possuem, nem nunca possuiriam. Por conseguinte, a essência do poema herói-cômico reside precisamente nesta disparidade de características dos aspetos constitutivos, na desproporção entre forma e assunto. São ainda

33 Ver *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 15, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1844, p. 464.

34 Sobre a natureza e os códigos que individualizam o poema herói-cômico enquanto gênero literário particular e respetivos modelos paradigmáticos no contexto da produção literária ocidental, ver Manuel Ferro. “Transitoriedade e caducidade dos gêneros literários: o caso do poema herói-cômico”. In: Maria Teresa Delgado Mingocho; Maria de Fátima Gil & Maria Esmeralda Castendo (coord.). *Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*, vol. 1. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/Centro de Investigação em Estudos Germanísticos/Edições Minerva, 2011, p. 603–16.

35 Sobre a gênese e a configuração semântica do sintagma composto por dois termos aparentemente antitéticos, bem como pelo uso que inicialmente dele foi feito – aspecto que não será objeto de estudo neste ensaio –, remeto para Gérard Genette. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982, p. 153–5. Refira-se, no entanto, que tal designação surgiu, como seria de esperar, depois da composição de alguns dos poemas que aqui não são abordados, mas que são tidos em linha de conta como modelos dentro do gênero, nomeadamente os de Tassoni, Boileau e Pope.

frequentemente enriquecidos por caricaturas e episódios risíveis, obtidos graças aos mais diversos processos, nomeadamente o burlesco, o grotesco e até subterfúgios mais adequados à farsa e à sátira. Se, para Aristóteles, podia ser considerado como uma paródia de textos preexistentes de teor heroico,<sup>36</sup> Gérard Genette evidencia neste gênero as estratégias do *pastiche* a que recorre, considerando-o mesmo um caso particular desta técnica, a par do *travesti* literário, de tom burlesco, recorrente no século XVII.<sup>37</sup>

Distinguindo-se do poema burlesco, que apresenta deuses e heróis de forma trivial, adotando uma linguagem comum, o poema herói-cômico elege como matéria épica um assunto trivial, com personagens comuns ou até ridículas, embora tudo revestido de uma forma solene e heroica.<sup>38</sup> A fim de melhor explicitar esta flagrante oposição entre dois tipos de burlesco, Genette recorre mesmo a uma definição de Auger, retirada do artigo referente a “Boileau”, inserido no tomo II de *Mélanges philosophiques et littéraires*, de 1888,<sup>39</sup> onde se afirma:

O poema herói-cômico é uma paródia da epopeia. Há dois tipos de paródias. Uma delas diz respeito às personagens, que, pela sua grandeza, pertenceriam à musa da tragédia ou à do poema épico, mas que tem um prazer mesquinho em as degradar. [...] A outra paródia toma os atores de uma ordem inferior e faz um jogo inocente de os elevar, através da nobreza e seriedade de expressões, fazendo com que a natureza dos seus atos e dos seus discursos continue a ter algo de burguês e risível [...]. Essa é a diferença entre o poema burlesco e o poema herói-cômico. A superioridade deste último gênero é universalmente reconhecida e será fácil de explicar a razão [...]. O burlesco [...] deprecia de propósito o que é nobre na sua essência; empenha-se em deformar o que é belo, quando seria possível embelezá-lo ainda mais [...]. O herói-cômico, pelo contrário, atua de acordo com modelos vulgares; e, pela grandeza dos seus modos, pela dignidade de costumes, pela elegância do revestimento retórico, ornamenta as suas formas sem as esconder, engrandece as suas proporções sem as exagerar, preenche todas as condições de imitação pitoresca e poética.<sup>40</sup>

36 Aristóteles. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 43–4.

37 Gérard Genette. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Op. cit., p. 149.

38 Sobre esta distinção, *ibid.* p. 150–4.

39 *Ibid.*, p. 152–3.

40 *Ibid.*

Em suma, cada tipo de poema assume uma perspectiva própria dos aspectos em causa, gerando entre eles uma abordagem antitética fundada em valores axiológicos que se projetam na vertente retórica e formal dos gêneros: o burlesco privilegia o conteúdo em menosprezo da forma, enquanto o herói-cômico dignifica a forma porque ela transfigura o conteúdo.<sup>41</sup>

A intenção drolática de uma narrativa épica em verso e de caráter jocoso torna-se, pois, o traço distintivo deste gênero, tão antigo quanto a produção épica mais genuína. Não admira por isso que, em muitos casos, a composição de poemas herói-cômicos se alicerce na paródia de modelos consagrados, como os poemas homéricos, a *Eneida* e *Os lusíadas*. A tradição deste gênero remonta à Antiguidade clássica com a *Batracomiomaquia* – o *Combate das rãs e dos ratos* –, atribuído a Homero, provavelmente do século VI a.C., embora a respetiva forma definitiva seja datável da época alexandrina, do século III.<sup>42</sup>

Entre as literaturas modernas, constituem marcas do gênero *La secchia rapita* (*O balde roubado*), de Alessandro Tassoni, de 1615 (1ª edição em 1622); *Le lutrin* (*A estante do coro*), de Nicolas Boileau Despreaux, de 1674; *The Rape of the Lock* (*O roubo da madeixa*), de Alexander Pope, de 1712/1714; e, em Portugal, mais tardiamente, o *Hissope*, de Antônio Dinis da Cruz e Silva, de 1768/1772 (1ª edição em 1802). Se bem que todos partilhem das características gerais do gênero, muitas diferenças se verificam entre eles, até porque nem todos foram compostos dentro do mesmo período literário e filiam-se, pelo fato, em concepções estéticas e literárias de natureza vária. *The Rape of the Lock*, por exemplo, nem teve as preocupações satíricas de Tassoni, nem o objetivo de um reformador literário, como Boileau. Pretendeu e conseguiu produzir um afetado jogo poético de incisivo espírito satírico numa atmosfera social mais limitada, muito embora caracterizada por uma especificidade ritualista e mundana muito particular, de gracejos, galanteios e frivolidades. O roubo da madeixa parece mais uma guerra de renda de bilros de estilo rococó que se encerra com uma apoteose lúdica, quando os cabelos de Belinda se elevam aos céus e se transformam numa nova estrela, como a cabeleira de Berenice, em Calímaco. A sua popularidade deve-se, em parte, às preocupações do autor com os princípios morais e éticos contemporâneos. Contribui para o fato de se reconhecer como uma experiência literária bem-sucedida ser um poema bem escandido,

41 Ibid., p. 153.

42 Sobre a datação do poema, ver Rodolfo Pais Nunes Lopes. “Introdução”. In: Pseudo-Homero. *Batracomiomaquia. A guerra das rãs e dos ratos*. Coimbra: Fluor Perene, 2008, p. 20–7.

bem estruturado<sup>43</sup> e claro quanto ao desenrolar da ação, com descrições maravilhosas e um vislumbre fresco da vida quotidiana das classes mais elevadas. Pope pretendia, pois, orientar-se pelo princípio horaciano do *docere et delectare*. Tratando-se de um poema em que convergem o mundo dos modelos épicos, a vida contemporânea do autor e o universo do sobrenatural popular (de elfos, silfos, duendes e fadas), a componente frívola concilia-se com o admirável, o fascinante com o trivial e todo o poema torna-se um conseguido exercício de artifício retórico, segundo os códigos e as convenções literárias vigentes.<sup>44</sup>

Decerto que foi esse fascinante universo que estimulou Francisco José Pinheiro Guimarães<sup>45</sup> a traduzir o poema e a publicá-lo nas páginas dos números 7 e 8, de 1844, de *Minerva Brasiliense*, apesar de referir em nota a existência de outra tradução prévia, em português, inserida no *Museu Universal*, muito embora feita por via indireta, através da versão francesa, e necessariamente infiel ao texto de partida. Contudo os esforços envidados de nada valeram porque não foi este o modelo seguido na composição de poemas herói-cômicos em língua portuguesa, quer em Portugal, quer no Brasil. Se alguns seguem de perto uma estratégia paralela à da *Batracomiomaquia*, como a *Gaticanea* (1781), de João Jorge de Carvalho, outros entram mais na senda da sátira, como o *Foguetário* (anterior a 1742), da autoria de Pedro de Azevedo Tojal. Contudo, com o avançar dos tempos e a aproximação do século XIX, o gênero assume uma vertente satírica, por vezes demolidora, mas com fins mais explicitamente edificantes. *O desertor* (1774), de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, não só aborda típicas imagens da vida coimbrã, como também enaltece o ideário que norteou a Reforma pombalina da Universidade. *O reino da estupidez* (1819), do brasileiro Francisco de Melo Franco, critica o ensino universitário na Univer-

43 Aponta-se até a possibilidade de uma leitura do poema com uma estrutura dramática, correspondendo, por exemplo, o Canto III ao clímax da ação e o Canto IV à linha descendente. Ver Ralph Chessington. *The Rape of the Lock. Notes*. Toronto/London: Coles Publishing Company, 1969, p. 31, 47 e 65–6.

44 É curioso apontar, ainda nesse âmbito, que Pope, apesar de seguir os códigos épicos passíveis de serem aplicados na composição de um poema herói-cômico, no plano elocutório recorre ao uso do *couplet* em termos estróficos e ao pentâmetro iâmbico para a construção do verso.

45 Alexander Pope. “O roubo da madeixa. Traduzido em verso português por Francisco José Pinheiro Guimarães. Canto I e II”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 7, Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1844, p. 212–215; e “O roubo da madeixa. Traduzido em verso português por Francisco José Pinheiro Guimarães. Cantos III, IV e V”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 8, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1844, p. 244–250.

sidade de Coimbra de então. *Os burros* (1827), de José Agostinho de Macedo, é uma violenta caricatura coletiva em seis cantos dirigida às personalidades com mais visibilidade na vida culta portuguesa do primeiro quartel do século XIX. E tais obras não se distinguem profundamente do teor com que são lavradas as *Cartas chilenas*, que constituem o quarto e último volume da coleção *Biblioteca Brasílica*, de *Minerva Brasiliense*. Marco importante, por se tratar da primeira edição da obra, consta então apenas das sete primeiras cartas, acrescidas de mais seis na de 1863, da responsabilidade de Francisco Saturnino da Veiga e Henrique Laemmert. A autoria<sup>46</sup> aparece aí já reconhecida, atribuída a Tomás António Gonzaga. Assumindo um grau de elaboração superior aos dos restantes poemas acima referidos, por adotar a forma epistolar em decassílabos livres, a sátira espraia-se com toda a liberdade de criação,<sup>47</sup> constituindo uma verdadeira crônica histórica, um documento literário verosímil à volta de um anti-herói dos tempos do despotismo esclarecido, com uma corte de bajuladores que o circundam, onde não falta um pacto artificioso e convencional que não é inferior ao do travesti pastoril da Arcádia romana. Se, por um lado, as *Cartas* podem ser lidas como o retrato de uma época, por outro, os traços caricatos e jocosos adotados realçam a corrupção e consequentes desmandos do governador da capitania de Minas Gerais, Luís da Cunha Meneses, aqui apresentado sob o epíteto de Fanfarrão Minésio. Apesar do tom pomposo em que decorrem as celebrações da sua entrada triunfal, denunciam-se de seguida as injustiças, a violência, a excessiva concentração do poder, as infrações e os benefícios oportunistas em episódios como o da construção da cadeia ou por ocasião de outras celebrações régias, evidenciando deste modo uma clara incompetência de comando ou um vazio de valores que permite a venda de despachos e contratos, já para não referir, como se de somenos importância se tratasse, os aspetos grotescos da sua vida privada. A sátira dominante em todo

46 Autoria debatida, entre outros críticos, por Manuel Rodrigues Lapa. As "*Cartas chilenas*": um problema histórico e filológico. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1958; Manuel Bandeira. "A autoria das *Cartas chilenas*. Prova de estilo favorável a Gonzaga". In: Domício Proença Filho (org.). *A Poesia dos Inconfidentes*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002, p. 745-67, ambos perfilando-se pela autoria de Tomás António Gonzaga; ou Caio de Melo Franco. *O Inconfidente Claudio Manuel da Costa*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931, que defende autoria diferente, como se depreende do título da sua obra.

47 Ana Paula Gomes do Nascimento. "As 'Cartas chilenas' entre a epístola e a sátira: uma leitura retórico-ético-poética da obra atribuída a Tomás António Gonzaga". Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

o discurso, que perpassa e simultaneamente reconstitui a ambiência política do período que precede a Inconfidência Mineira impõe à obra uma dimensão moralizante acrescida na época da sua publicação, por então se definirem as diretrizes da orientação política a trilhar pela nova experiência governativa das gerações que vão dirigir o Império.

Por conseguinte, não obstante toda a variedade épica evidenciada nas composições até o momento aduzidas, numerosas e variadas são ainda as composições líricas que estão imbuídas de um autêntico espírito épico:

Manuel Alves Branco. "A Proclamação da Constituição portuguesa em 24 de agosto de 1820. Ode", *Minerva Brasiliense*, ano I, n. 3, Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1843, p. 82-6;

Manuel de Araújo Porto-Alegre. "Brasílica. Dedicada ao Ilmo. Senhor Inácio Dias Pais Leme", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 10, Rio de Janeiro, 15 de março de 1844, p. 301-5;

Manuel de Araújo Porto-Alegre. "O caçador. Brasílica dedicada ao Ilmo. Sr. Santiago Nunes Ribeiro", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 11, Rio de Janeiro, 1º de abril de 1844, p. 333-4;

Manuel de Araújo Porto-Alegre. "Brasílica. Ao faustíssimo consórcio da Sereníssima Princesa Imperial, a Senhora D. Januária, com Sua Alteza Real o Senhor D. Luís de Bourbon, conde de Áquila", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 14, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1844, p. 433-4;

Manuel de Araújo Porto-Alegre. "O voador. Brasílica a Bartolomeu Lourenço de Gusmão: dedicada ao último dos três", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 21, Rio de Janeiro, 1º de setembro de 1844, p. 656-9;

Joaquim José Teixeira. "Ao Senhor D. Pedro I de gloriosa memória. Ode", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 13, Rio de Janeiro, 1º de maio de 1844, p. 402;

Américo Elíseo. "Ode aos baianos", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 16, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1844, p. 495-6;

Pedro José da Costa Barros. "Ditirambo aos faustíssimos anos (em 1830) de S. M. a Imperatriz do Brasil", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 17, Rio de Janeiro, 1º de julho de 1844, p. 525-9;

Casimiro Delavigne. “Napoleão, canto elegíaco [...] traduzido em verso português por L. A. Burgain”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 18, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1844, p. 560–2;

Antônio Francisco Dutra e Melo. “O cometa de 1843. Inspiração poética”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 20, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1844, p. 624–5;

Anônimo. “Egas Moniz. Romance primeiro: D. Afonso de Castela – Romance segundo: Afonso de Portugal – Romance terceiro: fé portuguesa”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 22, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1844, p. 689–97;

Anônimo. “O juízo de Salomão. Romance primeiro: o amor maternal – Romance segundo: a verdadeira mãe”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 23, Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1844, p. 725–6;

Casimiro Delavigne. “Três dias de Cristóvão Colombo. Tradução de José Nicolau da Costa Ferreira”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 24, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1844, p. 756.

João Duarte Lisboa Serra. “A Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II, em seu aniversário de 2 de dezembro de 1844”, *Minerva Brasiliense*, ano III, n. 5, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1845, p. 77–7;

M. de Lamennais. “Hino à Polônia. Tradução em verso português de A. F. D. Melo”, *Minerva Brasiliense*, ano III, n. 7, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1845, p. 108–9;

Antônio de Castro Lopes. “Ode [Ao natalício do Príncipe Imperial, filho do mui alto e poderoso senhor D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil]”, *Minerva Brasiliense*, ano III, n. 9, Rio de Janeiro, 15 de março de 1845, p. 135–6;

Manuel de Araújo Porto-Alegre. “Canto genético ao faustíssimo dia 23 de fevereiro de 1845. Dedicado a Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro II”, *Minerva Brasiliense*, ano III, n. 11, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1845, p. 141–50;

Domingos José Gonçalves de Magalhães. “Ode à paz da Província do Rio Grande do Sul – Poesia dedicada a Caxias”, *Minerva Brasiliense*, ano III, n. 12, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1845, p. 184–6.

Posto isto, e apesar da discutível divisão e classificação das composições poéticas propostas por Hélio Lopes, muito particularmente no que respeita aos textos didáticos,<sup>48</sup> é ainda possível distinguir duas outras grandes categorias em que, embora não transpareça uma veia épica, não deixam de ter uma vertente edificante acentuada muito ao gosto do público leitor da época: as fábulas e as sentenças. Sem a componente heroica da epopeia, os protagonistas assumem atitudes que, de algum modo, se arvoram em paradigmas pela positiva ou pela negativa.

Num dicionário da fábula, abordada enquanto gênero literário e editado em língua portuguesa pouco antes da publicação de *Minerva Brasiliense*, em 1839 (embora o original date de 1727), diz o autor, Pierre Chompré, que a fábula é “uma divindade alegórica, filha do Sono e da Noite. Diz-se que desposara a Mentira, e que o seu contínuo entretenimento era contrafazer a História. Representa-se com uma máscara no rosto e magnificamente vestida”.<sup>49</sup> Definição alegórica algo vaga e deslumbrante, em que a fantasia parece preencher por completo a essência do gênero! Era esta, todavia, a versão que circulava quando a geração romântica de escritores brasileiros, como é o caso de Domingos José Gonçalves de Magalhães, entre outros mais, circulava pela capital francesa e decerto teria acesso a obras de semelhante natureza, quando não mesmo a este livrinho.

No entanto, nos dias que correm, assumindo as palavras de Carlos Reis, de algum modo mais consentâneas com a forma como atualmente este tipo de composições se concebe, refere-se sucintamente que “o termo *fábula* designa um gênero narrativo com remota tradição cultural e com específico propósito comunicativo. Do ponto de vista formal, a Fábula constitui normalmente um relato breve e concentrado numa ação simples, desembocando num desenlace de claro recorte moralizador; a simplicidade da Fábula traduz-se também no recurso a personagens de descrição sumária, personagens que muitas vezes são animais irracionais identificáveis com certas propriedades físicas, psicológicas e morais (por exemplo, a raposa e a astúcia, o leão e a

48 Ver Hélio Lopes. *A divisão das águas. Contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1849–1845) e Guanabara (1849–1856)*. Op. cit., p. 139–69, muito particularmente o conteúdo das seções incluídas no ponto “3.6. A poesia”, que contém a poesia épica, a lírica, a didática, a herói-cômica e a dramática.

49 Pierre Chompré. *Dicionário abreviado da fábula para inteligência dos autores antigos, dos painéis e das estátuas, cujos argumentos são tirados da história poética*. Paris: Typographie de Pillet Ainé, 1839, p. 174.

bravura etc.)”<sup>50</sup> A conclusão aponta sempre para uma dimensão ético-moral, “exercendo sobre o receptor uma ação que confirma as potencialidades perlocutórias que na narrativa se reconhecem; e essas potencialidades não são, naturalmente, afetadas por básicas opções técnico-estilísticas como a escrita em verso ou em prosa [...]”<sup>51</sup>. De qualquer maneira, o seu alcance axiológico e transhistórico não impede irrefutáveis incidências ideológicas, que se articulam sobremodo com o contexto cultural iluminista, período em que a fábula alcançou maior projeção no âmbito das literaturas modernas.<sup>52</sup>

A tradição do gênero remonta, pois, à Antiguidade clássica, cujos modelos, mormente os de Esopo, entre os gregos, do século VI a.c., e de Fedro, entre os latinos, no séc. I d.c., logo se afirmaram, gerando imitadores ao longo dos séculos. Se é certo que cedo se apontam exemplos na Idade Média, como no *Horto do esposo*, é a partir do Renascimento que esta forma literária ganha mais importância, sobretudo em autores como Sá de Miranda, Diogo Bernardes e, depois, d. Francisco Manuel de Melo. Contudo é graças à divulgação da obra de La Fontaine, no século XVIII, que a fábula encontra um terreno fértil no gosto do público devido ao seu pendor didático e moralizador, tão marcante na produção literária neoclássica. Curvo Semedo, Cruz e Silva, Filinto Elísio, Bocage, entre outros, são exímios cultores do gênero. Depois deles, ainda Almeida Garrett, Trindade Coelho e João de Deus o afloram, se bem que logo após se verifique a degenerescência deste filão literário.

Nas páginas de *Minerva Brasiliense*, é mormente Joaquim José Teixeira (se bem que assinasse sempre e só por bacharel Teixeira), mas também Antônio Feliciano de Castilho e Antônio Francisco Dutra e Melo que revelam as suas potencialidades no culto deste tipo de exercício da escrita. Decerto que

a leitura das suas composições não só ainda proporciona o deleite dos mais jovens, como permite ilustrar lições de vida de modo aligeirado e prazenteiro aos mais crescidos. Variados são os intervenientes nas histórias contadas, mas em quase todas recai o protagonismo sobre animais irracionais, cujas atitudes e comportamentos se tornam modelares. Tais textos encontram-se distribuídos por números dispersos, com a seguinte disposição:

[Joaquim José] Teixeira. “Fábulas. 1.<sup>a</sup> O peru entre as galinhas; 2.<sup>a</sup> O mono e o raposo; 3.<sup>a</sup> O carneiro e o lobo”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 13, Rio de Janeiro, 1<sup>o</sup> de maio de 1844, p. 408–9.

[Joaquim José] Teixeira. “Fábulas. 4.<sup>a</sup> O leão, o elefante e o raposo; 5.<sup>a</sup> O mosquito e a mosca; 6.<sup>a</sup> A abelha, a formiga e a cigarra; 7.<sup>a</sup> O corvo e o pavão; 8.<sup>a</sup> A águia tende aprender a cantar”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 14, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1844, p. 438–9;

[Joaquim José] Teixeira. “Fábulas. 9.<sup>a</sup> O burro político; 10.<sup>a</sup> o raposo monarquista”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 15, Rio de Janeiro, 1<sup>o</sup> de junho de 1844, p. 473;

[Joaquim José] Teixeira. “Fábulas. 11.<sup>a</sup> O homem solteiro, casado e viúvo; 12.<sup>a</sup> O cão vendedor e o cão comprador”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 16, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1844, p. 505;

Antônio Feliciano de Castilho. “Fábula. Os macacos”, *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 1, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1844, p. 27–8;

Antônio Francisco Dutra e Melo. “O macaco e as bananas – Fábula contra os avarentos”, *Minerva Brasiliense*, ano III, n. 11, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1845, p. 167.

Aqui proliferam protagonistas que atravessam na horizontal a produção de fábulas de todos os tempos e, muito especificamente, do contexto português: o lobo e a raposa manhosos, o cordeiro ingênuo, o leão poderoso, o peru cobarde, o macaco ora descuidado, ora astuto, ora avarento, o elefante ludibriado, a mosca ambiciosa, o mosquito caloteiro, a abelha ambiciosa, a formiga enriquecida, a cigarra foliona, o pavão vaidoso, o corvo invejoso, a águia caprichosa, o burro imbecil, o homem insatisfeito, o cão crédulo...

Nas generalidades ancoradas em contos da tradição oral e coloridas com episódicos detalhes que dão vida ao discurso, o certo é que nalgumas é possível identificar traços de fábulas por demais conhecidas do leitor, como a da raposa

50 Carlos Reis. “Fábula”. In: José Augusto Cardoso Bernardes *et al.* (coord.). *Biblos. Enciclopédia Verbo das literaturas de língua portuguesa*, vol. 2. Op. cit.

51 Carlos Reis & Ana Cristina M. Lopes. “Fábula (II)”. In: Carlos Reis & Ana Cristina M. Lopes. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1990, p. 152.

52 Sobre a fábula enquanto gênero literário, ver ainda os seguintes títulos, que revelam a pertinência do interesse por este gênero no contexto dos estudos literários contemporâneos: Tzvetan Todorov. *Théorie de la littérature*. Paris: Éditions du Seuil, 1965, p. 267–92; Philippe Lacoue-Labarthe. “La fable (littérature et philosophie)”, *Poétique*, n. 1, Paris, 1970, p. 51–63; André Jolles. *Formes simples*. Paris: Éditions du Seuil, 1972; Cesare Segre. *Le strutture e il tempo*. Torino: Einaudi, 1974, p. 3–78; Luciano Pereira. *A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária*. Porto: Profedições, 2007; e Nelson Henrique da Silva Ferreira. *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2014.



e das uvas, de esópica memória, mas igualmente tratada por La Fontaine, assumindo agora contornos diversificados de acordo com o interesse da lição de moral a transmitir, e enriquecendo-se com as variantes de que agora se revestem. Além das categorias morais que se associam a cada animal fixadas pela longa tradição do gênero, um outro traço, porém, é ainda comum a todas as fábulas aqui publicadas: a sentença moral surge sempre no final da composição, normalmente inserida numa pequena estrofe de curta dimensão e com um tipo de verso diferente das restantes, sendo o mais comum a redondilha menor.

Autonomizando-se a lição de moral, sem o episódio ilustrativo prévio de tom deleitoso e prazenteiro, que conduz à conclusão edificante que se supõe iluminar, assume-se outro gênero de índole marcadamente didática e pedagógica: a sentença.

Na generalidade, partindo de provérbios morais, muitos deles traduções de máximas atribuídas a Sêneca, tido como *auctoritas maxima* deste tipo de escrita; outros de origem bíblica, cujos modelos funcionam não só no plano temático, mas também formal, em que Salomão e a respetiva sabedoria funcionam como fonte de inspiração, acabam por gerar aforismos tanto em prosa, geralmente ritmada, como em verso com rima emparelhada ou encadeada. As recolhas posteriormente organizadas com objetivos didáticos na educação de príncipes, contribuindo substancialmente para a sua formação ética e moral, tornam-se frequentes durante toda a Idade Média. A sua grande divulgação deve-se a coleções contidas em volumes usados na educação elementar dos jovens como os *Disticha Catonis* ou os *Proverbia Senecae*, que depois servem como ponto de partida para a constituição de outros levantamentos, alguns até, no contexto ibérico, que mal passam de traduções dos exemplos contidos nos referidos títulos. É o caso de *Castigos y exemplos de Catón*, os *Provérbios de Salomão* ou os *Provérbios de dom sem tom*. Ao longo do século xv, o gênero torna-se de tal modo popular que Pedro Díaz de Toledo leva a cabo a tradução dos provérbios de Sêneca e esse filão vai servir de base ao volume dos *Provérbios* (ou *Centiloquio*) do marquês de Santillana, que, por sua vez, acaba por inspirar direta ou indiretamente passos do *Auto das fadas* de Gil Vicente; ou ainda os *Proverbes moraux* de Christine de Pisan, igualmente traduzidos em português e editados em Lisboa, em 1518, com o título *Espelho de Cristina*.<sup>53</sup>

53 Ver Valeria Tocco. "A obra do conde Vimioso". In: D. Francisco de Portugal, 1º conde de Vimioso. *Poesia e sentenças*. Fixação do texto, introdução e notas de Valeria Tocco. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999, p. 56; e Karl Alfred Blüher. *Sêneca en España*. Madrid: Gredos, 1983.

Nesta linha, d. Francisco de Portugal, 1º conde Vimioso, entre outras formas no âmbito da sua produção poética, compõe uma série de aforismos de temática variada, muito embora muito mais articulada com a vida cortesã. Tratam, pois, de amizade, de juízos morais, de princípios éticos, das atitudes do perfeito cortesão, das antíteses bem/mal, bom/mau, sábio/ignorante, discreto/indiscreto, verdadeiro/falso, e dividem-se em dois grandes grupos, de acordo com a forma adotada, em prosa ou em quadras rimadas.<sup>54</sup>

Ora, *Minerva Brasiliense* não poderia deixar de contemplar este tipo aforístico de tom edificante para o seu horizonte de leitores. Menos numerosas do que as fábulas são, pois, as sentenças morais, todas elas decorrentes de igual modo da pena de Joaquim José Teixeira, o bacharel Teixeira. Laconicamente intituladas "Pensamentos", constituem lições de vida, concentrados de experiência, por vezes de uma prática acumulada durante gerações sucessivas, que o autor colige, recorrendo a um estilo e a um ritmo altamente poéticos, com a musicalidade e a frescura das composições populares. Os títulos, se apelam para o caráter reflexivo dum texto curto, da cogitação que os engendra e do conseqüente comentário dela resultante, evidenciam, no subtítulo, sobretudo o aspeto formal, quer da linguagem poética, quer das formas adotadas, como se pode aferir dos casos recorrentes:

[Joaquim José] Teixeira. "Pensamentos – Dezenove pensamentos ou máximas em dísticos rimados", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 13, Rio de Janeiro, 1º de maio de 1844, p. 410;

[Joaquim José] Teixeira. "Pensamentos – Do número 20 ao 28", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 14, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1844, p. 442;

[Joaquim José] Teixeira. "Pensamentos – Três dísticos e uma quadra", *Minerva Brasiliense*, ano II, n. 20, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1844, p. 654.

A glória mundana, a fama, a franqueza, a lealdade, o uso do poder político são temas que visam fazer com que o público leitor reflita, muito embora muitas das sentenças sejam dirigidas a uma classe dirigente, que se adivinha oportunista, apelando-a a regressar à senda da pública virtude. Outras contemplam também os sequazes daqueles, sem nítida consciência do estatuto que usufruem e da paga que lhes é outorgada. Ao longo da série de pensamentos apontada, verifica-se, no entanto, uma preocupação crescente em in-

54 Ver Valeria Tocco. "A obra do conde Vimioso". Op. cit., p. 57.

cidir sobre a formação ética da classe que detém responsabilidades políticas, porque detentora dos cargos. Assim, a maioria dos aforismos afasta-se gradualmente de um caráter generalista, de lições de bem viver no cotidiano, para passar a denunciar o aproveitamento e enriquecimento pessoal manifesto, em detrimento duma atuação em prol dos necessitados e da sociedade tomada em sentido global. A que distância nos conduzem estas reflexões do tom sublime e grandiloquente das obras epopeicas inicialmente tratadas!

De qualquer modo, incluindo composições que se estruturam segundo arquétipos heroicos, épicos ou herói-cômicos, edificantes, satíricos ou apoloógicos, alegóricos ou aforísticos, como os versos do oaristo XI de Eugénio de Castro sugerem – “Cornamusas e crótalos,/ Cítoas, cítaras, sistros...” –, perante a variedade de cantos usados, o certo é que *Minerva Brasiliense* foi pensada como instrumento de formação e legitimação de uma renovada ordem política e cultural, ao mesmo tempo que se afirmou como arauto de um projeto de modernização e promoção da cultura, assente num renovado conceito de brasilidade de cunho marcadamente romântico.<sup>55</sup>

55 Ver Raphael Diego Neves Martins. “Formar para civilizar: A revista *Minerva Brasiliense* (1843–1845) na construção da nação brasileira”, Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

António Pedro Pita

## ENTRE A “FADIGA DA CONSTRUÇÃO” E O “ORVALHO DO CÉU”. NOTAS PARA UMA INTERPRETAÇÃO DA ESTRATÉGIA DOUTRINÁRIA DE *MINERVA BRASILIENSE*

A RELEVÂNCIA DE *Minerva Brasiliense* é reconhecida pela generalidade dos estudiosos do contributo da imprensa para a afirmação *nacional* do Brasil. O propósito deste texto é menos concentrar-se nessa relação genérica do que proceder a uma leitura, necessariamente sintética, da trama teórico-ideológica que torna *Minerva Brasiliense* um texto coerente e heterogêneo, plural, escrito a várias mãos e vozes alinhadas por estratégias e objetivo consonantes. A diversidade de matérias suscetíveis de corresponder aos interesses dos homens e dos povos, porque lhes fornecem uma informação *genérica* sobre a atualidade do mundo, será referida a um campo problemático unificado pelo ensaio de *explicitação* da estratégia doutrinária que subjaz à revista ao longo da sua (breve) existência. É justamente referência a uma estratégia doutrinária que distingue *Minerva Brasiliense* do ecletismo de alcance imediato que caracteriza muitos outros periódicos no mesmo período.

Esta hipótese de leitura – *Minerva Brasiliense* desenvolve uma coerente estratégia doutrinária – debate-se com um pequeno obstáculo, que é interessante não iludir: a contenção da autoapresentação do periódico. No cabeçalho do primeiro número, depois sempre repetido, pode-se ler que *Minerva Brasiliense* é um “Jornal de Ciências, Letras e Artes publicado por uma Associação de Literatos”. No número 8, encontramos mais informações: “*Minerva Brasiliense* aparecerá duas vezes por mês, de 15 em 15 dias, contendo cada número 32 páginas de impressão em duas colunas, quarto grande: alguns números serão acompanhados de estampas”. Nenhuma, porém, sobre a Asso-

práticas) é estritamente simultânea<sup>37</sup> à aventura jornalística de Francisco Torres Homem e seus correligionários. Aqui, porém, a formação de um espaço público, no ambiente ideologicamente romântico de uma nação que se constitui, concebe a imprensa como um espaço dotado da transparência própria de uma classe que se afirma, enquanto o problema de Marx é, como vimos, o reconhecimento de “distorções estruturais” socialmente geradas.

6.

Em que lugar se situa *Minerva Brasiliense*? O que quer o grupo promotor da sua aventura?

Há, sem dúvida, como procurou evidenciar-se, uma tese. Mas *Minerva Brasiliense* tem de si a ideia de ser um jornal de combate que se não limita à socialização de algumas ideias para as quais o terreno já está preparado. Não basta divulgar: é necessário lutar. É insuficiente a mera “propaganda”: trata-se de disseminar novos dispositivos de subjetivação.

*Minerva Brasiliense* está no caminho. Regresso ao texto-manifesto: “Para nós, portanto, os tormentos de uma época crítica, a fadiga da construção, os ardores da luta: para as gerações vindouras, as flores da primavera, o orvalho do céu, a fruição não disputada de sua herança!”<sup>38</sup>

Para aí, onde o futuro ainda não tem forma, mas onde, de certo modo, é já possível prefigurá-lo, tendeu a estratégia doutrinária de *Minerva Brasiliense*.

## SOBRE OS AUTORES

### ALEX GONÇALVES VARELA

Historiador graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-rio). Mestre e doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pós-doutor Júnior pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atualmente é professor do Departamento de História da Uerj, locado no Laboratório Redes.

### ANTÓNIO PEDRO PITA

Doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra, na qual é professor catedrático da Faculdade de Letras. Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século xx (Ceis20), do qual é diretor do Curso de 3º Ciclo em Estudos Contemporâneos. Autor de *Memória da luz de António Augusto Menano: antologia* (2012) e *O aprendiz do mundo e outros fantasmas* (2007).

### LUCIA MARIA BASTOS P. NEVES

Doutora em história pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora titular de História Moderna na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Cientista do Nosso Estado/Faperj, coordenou o projeto “Entre a política e as letras: a *Minerva Brasiliense* e seu lugar no mundo dos impressos no Brasil do Oitocentos”, contemplado com o Edital Universal do CNPq (2013). Autora de *O Império*

37 Karl Marx ingressa na redação da *Gazeta Renana* depois da apresentação da tese de doutorado, em 1841. A partir de 1843, a autonomia do espaço público suscita-lhe cada vez mais problemas. A ideologia alemã, texto escrito em parceria com Friedrich Engels, em que lança uma primeira formulação do conceito de ideologia, é de 1844-5. Ver Géraldine Muhlmann. “Marx, o jornalismo, o espaço público”. Op. cit.

38 Francisco Torres Homem. “Progressos do século atual”. Op. cit., p. vi.

do Brasil (1999); *Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência, 1820–1822* (2003) e *Napoleão Bonaparte: imaginário e política em Portugal, c. 1808–1810* (2008). e organizadora, entre outros, de *Retratos do Setecentos e do Oitocentos* (2009) e, mais recentemente, *Guerra literária. Panfletos da Independência (1820–1823)*, em coautoria com José Murilo de Carvalho e Marcello Basile.

#### LUCIA MARIA PASCHOAL GUIMARÃES

Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), na qual realizou estágio de pós-doutoramento na Cátedra Jaime Cortesão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Realizou também estágio de pesquisa sabática na Universidade Nova de Lisboa. Professora titular de Teoria da História e Historiografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e sócia titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Pesquisadora 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e Cientista do Nosso Estado/Faperj, coordena o grupo de pesquisa Ideias, Cultura e Política na Formação da Nacionalidade Brasileira e o laboratório Redes de Poder e Relações Culturais. Autora, entre outras obras, de *Debaixo da imediata proteção imperial: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (2011) e *Da Escola Palatina ao Silogeu* (2007) Organizou diversas coletâneas, entre as quais se destacam *Culturas cruzadas em português: redes de poder e relações culturais*, vol. 3: arte, educação e sociedade (2015), em coautoria com Cristina Sarmiento, e *Varnhagen no caleidoscópio* (2013), com Raquel Glezer.

#### LUCIENE PEREIRA CARRIS CARDOSO

Bacharel, mestre e doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com estágio pós-doutoral no Laboratório de Geografia Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP). Desde 2015, é pesquisadora visitante do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Autora do livro *O lugar da geografia brasileira: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945* (2013).

#### MANUEL FERRO

Professor auxiliar de nomeação definitiva da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro do Departamento de Línguas, Literaturas e Cul-

turas, integrando a área de Estudos Italianos. Em 2005 e 2006, foi professor visitante de universidades estrangeiras. Desempenha igualmente as funções de diretor da Biblioteca de Estudos Italianos. Membro do Conselho Consultivo do Centro de Línguas e presidente da direção da Sociedade Filantrópico-Acadêmica da Universidade de Coimbra. Foi Coordenador Erasmus da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tesoureiro da direção do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (Ciec), do qual é investigador integrado. Sua produção científica gravita em torno das relações culturais e literárias luso-italianas, os estudos camonianos e a produção épica portuguesa do Barroco e do Neoclassicismo. Defendeu sua tese de doutoramento “A recepção portuguesa de Torquato Tasso na épica do Barroco e Neoclassicismo” em 2004,

#### MARIA APARECIDA RIBEIRO

Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade de Coimbra, onde dirigiu o Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras, coordenou o projeto Tempus, envolvendo a Universidade de Coimbra e a Universidade Carolina, de Praga, República Tcheca. Membro integrado do Centro de Literatura Portuguesa. Entre suas obras, destacam-se: *História crítica da literatura portuguesa — o Realismo* (1994), *Teatro brasileiro. Textos de fundação: Glória e infortúnio ou A morte de Camões. António José ou O poeta e a Inquisição. O juiz de paz da roça* (2002); *A carta de Caminha e seus ecos* (2003); *Drummon(d)tezuma – Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Joaquim Montezuma de Carvalho* (2004); *Camões, personagem dramática. Dinamarca* (2014). Atualmente, prepara *Manuel, bandeira de uma língua, Questões de identidade: diálogos com José de Alencar* e os outros volumes da coleção *Camões, Personagem Dramática*.

#### REGINA ZILBERMAN

Nascida em Porto Alegre, licenciou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG) e doutorou-se em Romanística pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Seus estágios de pós-doutorado foram realizados no University College (Inglaterra) e na Brown University (Estados Unidos). Professora adjunto do Instituto de Letras da FURG e pesquisadora 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Publicou recentemente *Brás Cubas autor Machado de Assis leitor* (2012) e *Como e por que ler a literatura infantil brasileira* (2014).